

## Fios de tragédias: o feminino que mata

Vanuza Souza Silva<sup>1</sup>

(...)E que do choque dessas palavras e dessas vidas nos venham um certo efeito no qual se misturam beleza e assalto(...)pretendi em suma, juntar alguns rudimentos de uma lenda dos homens obscuros, a partir dos discursos que na infelicidade ou na ira trocaram com o poder (FOUCAULT, 1992, p.94)

Eis os rudimentos discursivos que compõem minha tese sobre as mulheres presas na Penitenciária feminina de Campina Grande-PB. As mulheres pesquisadas que cometeram homicídios são todas passionais, na pesquisa entrevistei seis mulheres enquadradas no artigo 121. Cinco delas já haviam sido sentenciadas, uma estava à espera da sentença, era acusada de ser cúmplice do marido, essas mulheres, segundo o juiz Fernando Brasilino Leite, causam menos mal à sociedade, porque não viciam os nossos filhos, não prejudicam famílias, quando elas decidem matar no geral é em defesa de suas vidas<sup>2</sup>. Vilma Sá e Leonarda Lacerda têm histórias parecidas, matam em legítima defesa, há anos apanhavam dos respectivos maridos e na oportunidade entre viver e morrer fazem a primeira escolha, optam pelas suas vidas, mesmo que partes delas tenham ido junto ao episódio que as tornaram prisioneiras das grades e das lembranças. Vilma, mãe de quatro filhos, ensino fundamental incompleto, 36 anos, casada, na prisão é tida por companheiras de celas por “louca”. Vilma foi a primeira presa entrevistada, seu relato durou mais de duas horas, alguns momentos quando a narradora desviava o assunto, interrompia quando conseguia, Vilma mergulhava na sua própria voz, narrava pra mim, mas parece que não me via ou ouvia. Entre risos e choros narra-se:

Vilma Sá:

---

<sup>1</sup> Professora na Universidade Federal de Alagoas- UFAL e doutoranda na Universidade Federal de Pernambuco- UFPE.

<sup>2</sup> Entrevista concedida no dia 04-04-2011 na 6ª. Vara de Execuções Penais no Fórum Afonso Campos de Campina Grande às 19:08h.

(...) ele tava pronto pra me matar, mesmo, subi no tanque pra ver se tinha alguém, a mãe e a irmã dele e não tinha ninguém, entrei em pânico antes de acontecer coisa com ele, de eu ser atingida, ai gritei meu deus se tiver um vizinho me escutando ele vai me matar, me ajuda, faz alguma coisa por mim, venha aqui e converse com ele, caí nos pés dele, ninguém fez nada, ele parte pra cima de mim e me puxa com a outra faca que tinha na cintura. Eu peguei a tábua que tava no tanque e fiz assim na mão dele pra ele soltar a faca pra nenhum ser atingido, o homem sempre é mais forte, não tem defesa, ele acabou me atingindo, de uma forma que quando me chutou eu vi que era a minha vida ou a vida dele, ai parti pra cima dele naquela agonia pra tomar a faca, minha intenção era de nenhum ser atingido, mas naquela luta corporal, ali naquela agonia pra livrar quando puxei foi de uma vez ai puff! foi na garganta dele, quando vi que ele tinha sido atingido, qual o meu dever de mulher a quem me dediquei? Ao ver ele em pé sangrando, disse que ele ia ficar bem, que ia dá tudo certo, rogava por deus, dizendo que ele ia ficar bem, pulei o paredão não sei como, peguei no braço do vizinho dele, pedi que ajudasse e o homem não ajudou um, ninguém apareceu, vi o homem sangrando, ai fui ao centro, passando por vários lugares para procurar uma ajuda enquanto ele sangrava, a agonia dele era a minha (choro).

Este foi o momento mais difícil da narrativa de Vilma, o instante do crime, do combate físico ao outro, o pranto define o desespero de memórias que se sustentam na violência, na morte. Antes deste trecho Vilma narra como conheceu o companheiro que matara, diz que ele chegara em sua casa, dizendo que queria um compromisso sério, ela disse que por querer ser do lar, aceitou. Segundo afirma, após três meses de convivência com o companheiro que matou, começou a ser agredida, em nove anos de relacionamento diz que era agredida quase todos os dias, na última agressão, narrada acima, diz que matou para não morrer.

Após narrar o crime, narra a vida, sem ser perguntada, a lógica do discurso foi dela nesse momento, trouxe o passado ao presente, como se lá estivesse a explicação de si. Embora controlando a fala, narrando sobre si, a fala é marcada por alucinações, devaneios, numa atitude performática e teatralizada. Quando questiona o laudo da morte, outra Vilma aparece: objetiva, crítica, séria, abre os olhos e narra questionando o resultado final do laudo, o qual acusa a morte do companheiro pela facada, mas Vilma constrói outra versão

e diz que o cunhado, irmão do falecido concordou. Sua versão afirma que o marido morreu de infecção hospitalar, não da facada, inquieta-se, levanta-se da cadeira e chora. Peço-lhe para voltar a sentar, para conversarmos, senta-se com um sorriso no rosto, lembrando quando era criança. Toda a narrativa é marcada por essas situações, performances, divagações. Sobre a sua vida escolhe a infância, o trabalho na agricultura desde os doze anos de idade, justificando por isso que não pôde estudar. Volta a chorar, lembra quando se prostituiu aos 20 anos para sustentar os filhos, após a separação do primeiro marido, o esposo que matara era o segundo marido, na prisão vive com outro companheiro.

O discurso de Vilma é de defesa, de justificativa e de perdão como todas as outras, mas ao mesmo tempo, a presa homicida tem outra singularidade, as narrativas também elucidam libertação, libertação de um fardo, isso fica mais claro quando enfatiza os nove anos de agressões e o temperamento agressivo do ex-companheiro. Contraditoriamente, diz que o homem que matou, foi o homem que mais amou. A maior contradição no discurso de Vilma foi sobre sua convivência na prisão, Vilma foi posta no trabalho para conviver menos com dadas presas, apontada como louca, por conversar o dia todo sem parar, muitas presas tentaram agredi-la em outros momentos. Vilma contradiz a versão das presas: *não deixo ninguém me fazer mal, sou sem maldade, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa*<sup>3</sup>.

Voz mansa, olhar lacrimejante, amedrontada, meiga. Vilma constrói-se inocente e vítima do crime que cometeu. Chorou muito ao lembrar que matou o homem que amava, mas também sorriu quando recorda a visita das ilhas e netos.

Narrativa singular, mas próxima da narrativa de Leonarda Lacerda, que diz ter matado o homem que mais amou e de quem acompanhou durante dez anos. Leonarda, analfabeta, mãe de cinco filhos cumpria a pena fechada, mas quando estava albergada, foi presa novamente em regime fechado, culpa a tia de um roubo com a qual estava acompanhada no momento do delito, O processo descreve o delito de Leonarda sobre a morte do marido:

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada no dia 24-03-2010 às 10h00min na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

(...) historia autos do inquérito policial que, no dia 14 de janeiro de 2006, por volta das 18:00h, a denunciada iniciou uma discussão com seu companheiro (...) no interior de sua residência e em seguida, desferiu-lhe um violento golpe de faca-peixeira na altura do braço (...) devido à natureza e sede de lesão, a vítima veio a falecer por ferimento penetrante no coração (...)<sup>4</sup>

No processo crime Leonarda narra o seguinte: (...) que pegou a faca, que se encontrava cortando o galeto, e deu um golpe para cima, e nesse momento percebeu o sangue na referida faca, que não viu o local onde a vítima foi atingida(...)<sup>5</sup>.

No processo consta que cinco mulheres seriam as testemunhas, mas apenas duas compareceram, uma delas acusa Leonarda, a outra apenas diz que a ouviu após o crime, sair correndo e gritando pelas ruas que havia matado o marido. A primeira testemunha, não apenas defende a vítima como acusa a ré. Para esta pesquisa, Leonarda argumentou que era ela quem já havia sofrido inúmeras agressões do companheiro e que ele não ela, era viciado em bebida e craque. Leonarda também bebia, negou este detalhe na entrevista, o motivo do segundo retorno dela para o regime fechado foi o fato de ter voltado para o albergue embriagada. Conforme Vilma, Leonarda vive com o terceiro companheiro, o mesmo a visitava na prisão, mas fora preso por tráfico de drogas.

Anita Felinto, 26 anos, mãe de três filhos, ensino fundamental incompleto, réu primária, na matou um companheiro seu, mas o companheiro da sua mãe, Dona Finha. Diz-se arrependida *por ter caído nessa tentação*<sup>6</sup>. Após narrar o crime, narra a infância, afirmando ter tido uma infância ruim pelo vício nas drogas e bebidas, mas afirma de modo veemente que antes do homicídio não bebia e nem se drogava mais. Anita na narrativa não mencionou seu tio, personagem que também aparece no processo como cúmplice de Dona Dinha:

---

<sup>4</sup> Estado da Paraíba- Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba- Comarca de Campina Grande, 2006.

<sup>5</sup> Estado da Paraíba- Ministério público, 1º. Tribunal do Júri de Campina Grande. Poder Judiciário da Paraíba- Comarca de Campina Grande.

<sup>6</sup> Entrevista realizada no dia 04-11-2011 às 11h00minh na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande-PB.

(...) no dia dos fatos, os acusados – que são parentes entre si, posto que dona ... é mãe de (...) e irmã de (..) sob o preterido de irem todos tomar banho num pequeno açude existente no bairro das cidades, conduziram a vítima, que estava visivelmente embriagado, até um terreno baldio e a (...) havendo todos eles, após imobilização da vítima por parte do acusado, produzido lesões na mesma, tanto com a utilização de uma faca-peixeira quanto de uma pedra ali existente que foi usada para esmagar o crânio da vítima<sup>7</sup>.

As três testemunhas confirmaram a acusação e o discurso do processo, apenas uma delas acrescentou que a vítima vendia os objetos de dona Dinha e que por isso Dona Dinha o ameaçou várias vezes. A sentença de Anita e de Dona Dinha foi de vinte anos e seis meses.

Dona Dinha. Quem é dona Dinha, afinal? Até agora sabemos que é a mãe de Anita e que ambas cometeram um homicídio. Na prisão é conhecida nos bastidores por *Maria Picadinho*, pelo fato de ter matado quatro companheiros e de cada morto retorado um pedaço do corpo dos mesmos. Dona Dinha não quis conceder entrevista, mas concedeu a pesquisa em seu prontuário. Uma senhora tímida, franzina, mas que tem uma história complexa no mundo do crime, a mãe também havia cometido homicídio, a filha, seu filho e irmão também estão presos por homicídios. Analfabeta, 46 anos, do lar, Dona Dinha é uma das mulheres mais quietas na prisão. No processo de 2008, tem-se a seguinte narrativa:

(...) depreende-se dos autos que a vítima vivia maritalmente com a ré (...) e havia entre eles constantes desavenças e no dia dos fatos, a mesma aliou-se a sua filha e seu irmão e juntos de maneira sorrateira atraíram a pessoa de (...) para tomar banho de açude e quando chegaram num terreno baldio e lá com a arma faca peixeira e outros instrumentos não apreendidos, ceifaram sua vida, aproveitando-se da sua condição de embriagado culminando com o trágico desfecho em questão<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Estado da Paraíba. Poder Judiciário. Comarca de Campina Grande-PB. 2 Vara do Tribunal do Juri.

<sup>8</sup> Estado da Paraíba- poder judiciário- justiça comum da 1 instância- comarca de Campina Grande. Juízo da 2ª. vara criminal do 2º Tribunal de Justiça.

No processo o júri popular considera a ré culpada, apontando a ré com nítida intenção de ceifar-lhe a vida, eliminando desafeto e companheiro de *vida em crime*, mediante *futilidade e sem oferecer oportunidade de esboçar reação*<sup>9</sup>.

O irmão da ré também foi condenado, o júri considera que o mesmo acolheu a vontade da sua irmã e juntos eliminaram desafeto de forma virulento, mediante futilidade e sem oferecer oportunidade de esboçar reação. O irmão recebeu uma sentença de dezessete anos pelo fato de ter outras ações criminais de furto e roubo.

No processo de Dona Dinha encontramos outros signos de sua trajetória de vida. Desde a sua primeira prisão em 1996 trabalha na prisão, motivo que justifica o discurso do chefe de serviço que diz: “*Dona Dinha*” é uma pessoa de bom comportamento e se relaciona de bem com todas (...) vem desenvolvendo um trabalho de auxiliar de serviço desde 1998<sup>10</sup>. Mas na rua e após esse período dona Dinha cometeu outros homicídios. A assistente social corrobora: a apenada em epígrafe:

Tem um bom comportamento carcerial, trabalha no setor de serviços gerais, respeitando as normas estabelecidas por esta instituição, mantém-se sempre reservada, não é participativa, mas respeita a todos sem distinção. É ciente do seu dever para com a justiça e podendo voltar ao convívio social e familiar pra recomeçar uma nova vida<sup>11</sup>.

Este documento é de 2005. Dona Dinha retornou para a prisão em 2008. No mesmo ano de 2005 a psicóloga tinha avaliado Dona Dinha: (...) a apenada acima citada encontra-se neste exato momento sem nenhuma alteração psicológica, estando apta a receber o benefício pleiteado<sup>12</sup>. Dona Dinha realmente recebeu o benefício da condicional, três anos depois cometeu outro homicídio. Os inúmeros dias de trabalho realizados por

<sup>9</sup> Estado da Paraíba- poder judiciário- justiça comum da 1 instância- comarca de Campina Grande. Juízo da 2ª. vara criminal do 2º Tribunal de Justiça.

<sup>10</sup> Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

<sup>11</sup> Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

<sup>12</sup> Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Dona Dinha tornaram possível o pedido de seu livramento condicional em 2005, antes desse período em 2003 o pedido de progressão de regime de dona Dinha foi impugnado por seu crime ter sido considerado hediondo. Em 2001 já havia sido negado o mesmo pedido, em 1999 o ministério Público também já havia negado o pedido de regime semiaberto, devido outro homicídio cometido em 1996. Apesar dos indeferimentos, dona Dinha saiu, visto que em 2008 cometeu seu quarto homicídio.

No processo de dona Dinha só tive acesso aos dois homicídios,, um deles cometido em 1995 e o outro em 2008. No processo de 1995 ela também fora submetida a julgamento pelo júri popular:

(...) os jurados por maioria de votos (6x1) rejeitaram a tese erguida em favor da ré, que pretendia a desclassificação de homicídio qualificado para homicídio privilegiado. Ressalta-se que a ré já tinha sido envolvida em processo por tentativa de homicídio, onde infelizmente logrou êxito, pois logo veio a delinquir mais uma vez. Por outro lado, registre-se o vício do álcool da ré, mulher casada, que nem ao menos respeita seus filhos e marido, posto que costuma participar de farras com homens, demonstrando um comportamento social reprovável e desregrado<sup>13</sup>.

O júri que opera com a linguagem moralista, denigre a vida de dona Dinha, ao invés de acusar-lhe o crime, a vida dela, o sexo, o desregramento parece interessar mais ao júri do que a vida ceifada e a violência com que uma vida fora subtraída.

Em 1999 o laudo psiquiátrico de Dona Dinha conclui:

“A examinada em apreço foi submetida à avaliação especializada sob escolta policial. À inspeção andar normal e gestos coordenados, trajando-se adequadamente com estes em alinhamento e higiene satisfatória denotando um certo cuidado pessoal. De sua via pregressa nos consta ser a oitava filha da prole de 8, tendo

---

<sup>13</sup> Ministério Público da Paraíba- Comarca de Campina grande- 1ª. Promotoria criminal.

nascido de parto normal, sem intercorrências. Apresentou desenvolvimento neuro-psicomotor normal e contraiu as viroses comuns da infância sem sequelas. Teve uma infância tranquila, com boa socialização. Frequenta a escola desde os 8 anos cursando de forma satisfatória, porém teve de interromper os estudos pela necessidade de trabalhar. Começou a trabalhar cedo já aprendendo o ofício atual auxiliando os pais no orçamento doméstico. Vida sexual ativa aos 13 anos, quando casou, não apresentou posteriormente qualquer doença sexualmente transmissível. Mora ao possuindo endereço fixo. Nega o uso de drogas ilícitas e lega uso de bebidas alcoólicas desde os 15 anos de idade de forma moderada. Sua relação com familiares, vizinhos e colegas de trabalho é satisfatória, presa pela primeira vez em 1993, enquadrada no artigo 129 e pela segunda vez em 1995, enquadrada no artigo 121, tendo sido condenada a 19 anos de reclusão. desde então vem cumprindo a sua sentença com comportamento carcerário adequado e boas relações interpessoais, nega desentendimentos com companheiras ou agentes penitenciários. Trabalha no setor de limpeza do presídio como forma de praxiterapia há 4 anos. Sobre seus antecedentes familiares não há patologias clínicas, neurológicas psiquiátricas. irmão e mãe com antecedentes criminais. De sua saúde física os consta não haver anormalidade. Ao exame revela-se lúcida, tenaz, memória clinicamente visual para eventos atuais, orientada em relação a si e ao mundo circundante. QI em paralelismo com o seu nível sócio-econômico e cultural. Etímica, afetividade íntegra, pensamento fluido coerentemente, com curso e conteúdo sem amorfabilidades. Normabúlica e normapramática, juízo crítico preservado, insight presente. Papport adequado. Diante do que nos foi dado observar, concluímos que a periciada em questão demonstra boa conduta carcerária e relações pessoais satisfatórias. Sua situação atual sugere possibilidade de ressocialização. Ao exame não há sinais ou sintomas psicopatológicos que possam sugerir periculosidade manifesta, tem condições, portanto ao nosso ver, de receber o benefício pleiteado<sup>14</sup>.

Esse atestado psiquiátrico ocorre após o inquérito que acusa Dona Dinha de matar a pauladas outro companheiro, “em meio a uma bebedeira quando a vítima passou a portar-se de maneira inconveniente”. Mas a assistente social assim define dona Dinha: conduta carcerária muito boa, trabalha e obedece às normas, a psicologia complementa, a cliente vem respondendo positivamente as expectativas da própria institucional penal, tem relacionamento com todas<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Governo da Paraíba- Secretaria de cidadania e Justiça- Coordenadoria do sistema penitenciário (COSIPE)- Instituto de psiquiatria forense da Paraíba, 11, setembro, 1999.

<sup>15</sup> Governo do Estado da Paraíba- Secretaria de Cidadania e justiça- COSIPE. Avaliação Social.

Essas avaliações realmente não podiam prever que Dona Dinha iria cometer outros homicídios no futuro próximo. Os laudos psiquiátricos, psicológicos e fisiológicos provam o comportamento de Dona Dinha com base na relação de trabalho que a mesma constrói dentro da prisão, passiva, obediente, trabalhadeira, esses são tributos que o sistema escolhe para aprovar a sanidade da presa, visto que pela trajetória de crimes cometidos, tornaria possível se não fosse seu trabalho um regime de prisão fechado e sem privilégios, mas os códigos da psiquiatria, espelhando-se no regime capitalista e na disciplina de trabalho, liberta dona Dinha das amarras da prisioneira estereotipada ou psicopata, sua mão de obra e seu trabalho são úteis no sistema.

Doentes? Psicóticas? Tensão pré-menstrual? Ao longo da história os desvios das posturas femininas sempre foram definidos como se aquelas fossem portadoras de algum distúrbio, houve mudanças, mas os gestos de violência femininos sempre são postos em suspeição, como se tivesse um mistério por trás do acontecimento. A própria justiça em grande medida envolve de mistérios a mulher criminosa, principalmente a que mata, pelo fato de ela exercer aquilo que fora atribuído ao homem: a força, a força física. As perguntas mais comuns sobre o crime de do empresário Yoki<sup>16</sup> era sobre a força da esposa magrinha e franzina que conseguiu matar e carregar sozinha o corpo do ex-marido e ainda esquartejar. Teria feito sozinha? Teria tido tamanha força? Vilma desde a morte do esposo fora apontada pelas pessoas da cadeia como sendo louca, passou alguns meses internada em clínicas psiquiátricas, mas retornou para a prisão, ainda assim era tida como “aquela que tem problemas mentais”.

E quando as mortes se realizam com requinte de crueldade a presa não foge da definição de neurótica, psicopata e outros. Dona Dinha (a mesma não quis dar entrevistas), conhecida informalmente pelos agentes como “Maria Picadinho”, matou quatro maridos, mansa, franzina, de olhar tímido, ela justifica nas conversas do dia a dia na prisão “eles aperreavam”. Foram quatro aperreios e quatro mortes, cada morto teve alguma parte de seu corpo retirada (orelha, dedos e outros), no último homicídio, a filha participou, esta incomodada com as agressões do padrasto, interrompeu tal vida juntamente com a mãe com uma faca e uma pedra quando o mesmo estava embriagado. Os filhos homens de

---

<sup>16</sup> Ver reportagem: <http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/policia-espera-comprovar-se-eliza-matsunaga-matou-o-marido-sozinha/1983017/>, acesso em: 12-08-2012 às 09h00minh.

Dona Finha também são homicidas, dois deles se encontram na Penitenciária masculina. A filha de dona Finha, Joana Bezerra, justifica-se:

O amor, o ódio, os ciúmes ligam essas histórias, as vidas delas se encontram pelos sentimentos que nelas foram despertados, pelo impulso de matar, alegam legítima defesa, inocência. A literatura antiga, especificamente, a tragédia grega produziu duas significantes imagens sobre o feminino criminoso: *Medeia e Antígona*, duas personagens femininas que traduziram a singularidade, em parte, o olhar dos teatrólogos na antiguidade grega. As personagens se singularizaram pelos seus atos de combates às leis de sua sociedade, pela resistência a uma dado modelo de justiça, de mulher naquele contexto.

*Medeia* peça de autoria de Eurípedes, é uma tragédia composta por 1419 versos, trata da história de uma mulher, conhecida como bruxa e feiticeira, a qual tendo sido traída pelo amado, Jasão, vinga-se do mesmo, matando a amante daquele e os filhos dela com Jasão, vingança que chocaria também nossa atualidade. Jasão e Medéia após terem sido expulsos da sua cidade, são acolhidos pelo rei de Corinto, Creonte, o qual convenceu Jasão a casar-se com sua filha. Medeia juntamente com seus dois filhos são expulsos de Corinto e acolhidos por Egeu, rei de Atenas. Medeia inconformada mata Creonte e sua filha, em seguida mata os próprios filhos e foge.

A personagem Medeia vivencia o combate entre o amor e o ódio, a esperança e a vingança, conforme todo personagem trágico, materializa na morte, no ato de matar, a força contrária, o ódio, mas convoca os deuses, o deus. A tragédia para os gregos era um espaço de saber que servia, inclusive, para os ensinamentos de valores como a justiça, a virtude, a moral, a ética. Medeia é uma tragédia que materializa os conflitos da passagem de uma sociedade que cria nos deuses para uma sociedade que começava a questioná-los. A tragédia é reveladora dos embates entre a justiça e as leis dos deuses e a justiça e as leis dos homens. Medeia mata seus filhos e a noiva de Jasão, crendo inclusive na ideia de que está agindo em nome da justiça dos deuses, mas a mesma foge porque sabe que as leis dos homens a puniria. Vemos assim o embate de forças entre os homens e os deuses: A tragédia é o resultado de um mundo que se apresenta como o choque entre forças opostas: o mítico e o racional (...) ( COSTA E REMÉDIOS, 1982, p.2)

A tragédia se caracteriza, segundo Aristóteles, por um acontecimento aterrorizante: parricídio, incesto, regicídio, fratricídio e outros, através desse acontecimento o herói trágico tenta seguir a ética e a virtude nas quais acredita. Ética e virtude que muitas vezes se conflituam com o seu social. Mas o herói trágico necessita lutar pela virtude, pela justiça. O auge da tragédia é a catarse, momento de explosão de sentimentos, de comoção da plateia: dor, paixão, piedade devem ser parte do conjunto de sentimento da plateia. Para Schiller, o sofrimento que o próprio herói trágico causa em si, transforma-se em virtude no enredo do trágico. Na verdade, para ele, o sofrimento que o herói causa e vive é a essência da tragédia.

Medeia, uma das mais famosas tragédias, muito mais do que o sentimento dos deuses, revela os sentimentos humanos, como exemplos, a vingança, o ódio, a paixão, a piedade, e outros, essa tragédia é também reveladora de uma singularidade do autor, Eurípedes escolhe em muitos dos seus textos escrever sobre sujeitos marginais, mulheres, escravos, camponeses e outros. No estilo da comédia criou um texto teatral intitulado *As nuvens- só para mulheres*, no qual as mulheres saíam às ruas questionando a democracia grega, denunciando sua falta de direitos naquele contexto.

Eurípedes, juntamente com outros teatrólogos criou um dado olhar sobre o feminino, criou, um dado olhar sobre o feminino criminoso, definindo este como vulnerável aos sentimentos de raiva, fúria e ódio, características que serão reproduzidas pelas ciências do século XIX. Medeia é o fugitivo da racionalidade, mulher sem controle sobre seus sentimentos e emoções, sentimentos que receberão o nome de histeria na sociedade oitocentista. Eurípedes dar vida ao feminino na Grécia clássica, mas o faz em grande medida, inferiorizando-o, atribuindo-lhe características negativas. Imaginemos a visibilidade de Medeia numa sociedade que restringia o feminino ao lar, ao mundo privado e à maternidade em Atenas, dessa maneira, a criação de uma mulher criminosa, se de um lado é revolucionário o gesto pela ousadia, do outro, é como se a mulher fosse uma verdadeira ameaça para o social, para a democracia ateniense, é como se o autor quisesse falar sobre o perigo de uma mulher enfurecida, traída.

Que mulher virtuosa mataria seus próprios filhos para vingar-se do amado? Em uma sociedade onde o valor era dado aos homens pensadores e não aos homens que desenvolviam trabalhos braçais, criar uma personagem feminina que usou da força e da violência para realizar sua justiça, tem sentido bastante complexo, essa literatura que parece libertar o feminino, parece criar muito mais um discurso que discuta o feminino como um perigo, ameaça. Lembremos que muitas mulheres ocupavam as páginas do teatro grego, mas as mesmas não podiam encenar as peças, dessa maneira, o feminino criminoso em grande medida pode significar muito mais a crítica à sociedade grega que castrava os direitos femininos, ao mesmo tempo, pode significar a reprodução da ideia de que o feminino é ameaçador quando fora do controle das emoções:

A escolha por Medeia é a escolha de um escritor homem que tece as dúvidas e desconfianças sobre a mulher no teatro, mulher que na Grécia antiga habitava o silêncio, que era reservada ao lar e à maternidade e que sai desses lugares para se tornar uma criminosa na peça de Eurípedes.

Outra personagem que combate as leis antigas na Grécia antiga é Antígona, que faz parte da trilogia tebana (Édipo Rei, Édipo em colono). Antígona é filha de Édipo, o qual era filho de Jocasta e Laio. O oráculos de Delfos previu que o pai de Édipo ia ser morto pelo próprio filho e que o mesmo casaria com a mãe. Laio abandona o filho em um monte, mas um pastor recolhe a criança e o rei de corinto cria Édipo. Quando este já estava adulto e vai matar a esfinge, ordenado pelos deuses, encontra Laio e o mata em batalha, segue viagem, mata a esfinge e casa com Jocasra, sua própria mãe. Édipo e Jocasta tiveram quatro filhos (Etéocles, Polínicos, Antígona e Ismena). Édipo ao descobrir que havia casado com a própria mãe, cega-se e Jocasta se suicida, a sua filha Antígona acompanhou Édipo por toda peregrinação até colono, onde foi enterrado.

A grande tragédia de Antígona está relacionada ao enterro de seu irmão Polínicos, o qual em batalha contra Tebas, mata o irmão Etéocles. O rei de Tebas, Creonte, decide enterrar Etéocles, mas decide que Polínicos apodreça para servir de comida para as aves. O grande crime de Antígona é se posicionar contra o rei Creonte, contra as leis de Tebas, Ismena sua irmã, obedece o rei.

Antígona, tal qual Édipo, é a heroína que luta pela justiça e virtude à sua maneira, chocando-se com a comunidade onde vive, e tal qual Édipo, provoca em si o seu sofrimento, ao ser jogada em um buraco, depois de ter enterrado o irmão às escondidas, ela prefere morrer a sofrer os castigos do rei Creonte, suicida-se. O noivo, filho de Creonte, Atémon, não suportando a perda também se suicida, a mãe de Atémon e esposa de Creonte, Eurídice, suicida-se ao saber da morte do filho.

Antígona é a personagem central que desencadeia o sofrimento, a luta pela justiça e virtude no enredo, mas este feminino que luta contra as leis de Tebas, comete um crime, o crime da não aceitação das leis. Creonte é também autor de um crime, não contra as leis dos homens, mas contra as leis dos deuses, há nesse sentido um embate de forças: Antígona que fere as leis sociais e suicida-se para realizar o que entendia por justiça e Creonte que fere a lei dos deuses ao não libertar Antígona, dessa maneira perde toda a família para não ferir a lei de Tebas.

Antígona e Medeia, dois modelos de feminino que no mundo antigo chocaram as leis de sua sociedade, de modo singular essas mulheres à luz da escrita de Eurípedes e Sófocles puseram em questão os códigos de sua comunidade, se ao homem sempre coube o lugar da violência e da disputa pública, se à mulher cabia o silêncio, a maternidade, a vida privada, Medeia e Antígona se despem dos papéis que lhe amarram e se rebelam contra os homens, contra os deuses, praticam o crime da vingança, da justiça nas quais criam, defendem pra si uma ética, por isso são trágicas, a tragicidade das personagens se manifesta exatamente nessa ética de si, nessa busca e realização de um sofrimento que as mortificam ao mesmo tempo que as heroizam, heroínas, conforme diz Nietzsche, que experimenta a individuação, como um deus que experimenta em si o sofrimento da individuação (SZONDI, 2004, p.68)

As imagens de Medeia e Antígona são inspiradoras para pensar as tragédias das mulheres presas na nossa atualidade. O conceito de feminino, de crime hoje tem outro sentido, mas a tragicidade faz parte da vida das mulheres presas, as quais cometem o crime, influenciadas pelos embates de forças que as movem: ódio, paixão, ciúmes, vingança, dor. As peças *Medeia e Antígona*, falam de um conjunto de sentimentos que as

movem, é nesse sentido que vem a relação com a minha pesquisa, especificamente, a lembrança de dois específicos casos: duas senhoras que mataram seus maridos, cujos crimes foram realizados sob o sentimento da vingança e do ódio: Leandra e Vilma, já mencionadas em outro momento nesse texto, duas mulheres traídas, além disso, viviam espancadas há mais de dez anos. Em um instante de fúria usaram da faca que iriam cortar a carne que serviria ao marido, e cortaram a pele, a vida do ex conjugue, dois casos distintos, mas muito parecidos. Não mataram os filhos, mataram o marido para aliviar o sofrimento de dez anos.

Leonarda Macedo uma das homicidas, recuperou-se, casou-se novamente, mas a obesidade e depressão envenenaram sua alma, o sofrimento que lentamente a mortificou em um corpo vivo; Gilma, teve como sofrimento maior, a loucura, a perda da lucidez, em lágrimas, Vilma vai vencendo o dia e esperando a transferência para um hospital que cuide da sua fraqueza mental. A loucura e a obesidade, duas maneiras diferentes de sofrer, de criar uma fuga da realidade.

Diferente do trágico filosófico nietzscheano, em que a tragicidade é a marca do heroísmo e da individuação, a tragicidade das mulheres presas aqui citadas é o ponto culminante do processo de marginalização e inferiorização dos seus lugares de mulheres, na verdade, até criam a individuação, mas de maneira anti-heroica. Essas mulheres são mortificadas no ato do crime e na convivência das prisões, suas identidades são impressadas em conceitos jurídicos os quais as estereotipam como o signo do mal. Na Grécia antiga, os deuses, de alguma maneira salvavam os sujeitos de suas tragédias, porque afinal eles mesmos as provocavam, mas na nossa atualidade não há deuses criando tragédias, há sujeitos da fome, do tráfico, da miséria, do estupro que por maneiras diversas, praticam seus crimes. Os deuses as abandonaram às suas próprias sorte. Nesse sentido, as mulheres trágicas que escolhem combater as leis sociais com o crime, foram abandonadas pelos seus deuses nas celas frias, nas grades cinzas e empoeiradas da prisão, onde somente o sofrimento e o arrependimento as salvam. A angústia é o deus delas, assim como a constante culpa marcada em suas almas, incitando as lembranças do que as levaram presas. O dia nasce só para lembrá-las que houve um crime, o sol atravessa lentamente as paredes da cela, e quando há o banho de sol, este não alcança seus rostos, o espaço é pequeno

demais para tamanha luz. As presas se autocondenam, esperam a voz do juiz para terem de volta a liberdade, mas são juízas de si, o suplício da culpa as tortura, sentem-se alijadas de prazer, querem trabalhar, como forma de compensar os erros.

Kiekergaard, conforme explica Szondi (2004, p. 60) afirma que a tragicidade está na dialética em que a libertação daquilo que traz a morte acaba por causá-la. As mulheres apenadas, libertaram-se do sofrimento que as mortificaram durante décadas, mas foi a a morte do esposo que causou suas mortes diárias e lentas no dia a dia da prisão. Cada dia que nasce traz consigo a lembrança, a memória da morte, da lágrima, a lembrança é como um abutre que todo dia vai e arranca um pedaço de suas vidas, belisca seus desejos de viver, arranha suas possibilidades de felicidade, instauram a memória da morte e da dor.

A discussão sobre as mulheres criminosas na tragédia grega, faz perceber o sentido do feminino, do crime, numa época diferente da nossa, evidente que o significado trágico e do crime têm outras conotações, os crimes resultam em grande medida das ações dos deuses, tinha-se ainda um embate de forças entre a crença nos deuses e o questionamentos ao mesmo, mas ainda assim o crime não era apenas do mortal, tinha a cumplicidade das divindades. A tragicidade das mulheres presas tem outro sentido, o próprio crime tem nomenclaturas variáveis e são enquadradas em diferentes artigos, mas são resultado dos mortais, diretamente dos mortais. Os deuses não explicam mais os crimes das mulheres entrevistadas, seus crimes estão localizados na sociedade moderna, julgados por um estado de direito que pune e vigia seus criminosos. Os crimes das mulheres entrevistadas resultam da individuação de cada uma, diferente dos crimes de Medeia e Antígona, mas todas elas têm em comum os sentimentos que matam a si quando a morte é do outro, cada uma tem um pedaço seu cortado, quando a morte do outro por elas é causada de. Têm em comum o embate de forças e de sentimentos que as tornam tão próximas, tão reais e humanas, demasiadamente humanas, eis as tragédias que entre séculos tão distantes se repetem. Eis as mulheres da literatura grega e das prisões da nossa atualidade, cujas vidas trágicas são o simulacro da morte-prisão!

Uma das imagens clássicas do trágico na vida de Victor Frankenstein conta a perda angustiante da mãe, Frankenstein tenta domar a morte juntando materiais mortos do

humano, arrepende-se, sente-se só, perdido nessa junção de partes desconhecidas, sem identidade.. As presas que cometeram homicídios nesta pesquisa, são as que mais apresentam essa tragicidade, essa sensação de perda, como se parte de suas identidades estivessem mortas, perdidas, juntadas em outras partes também já mortas. Narram o crime a partir da angústia, da negação de si, tais quais as personagens da literatura trágica que dão um mergulho profundo em si, as presas referenciam o erro, a culpa, o desencontro afetivo, a incompreensão do outro.

O trágico, afirma Goethe, é a afirmação do irreconciliável. As mulheres que matam o fazem por desencontrar o outro na rede de sentimentos e expectativas criados, por isso o combate contra esse outro no campo da violência e da morte, este outro já não é controlado, é ameaça, desterritorialização. Em Heidegger o trágico é o limite, a própria morte, quando o homem se vê como um se para a morte, mas afirma Alfredo Naftah, a pulsão da morte no trágico é também a pulsão da vida. A afirmação da vida resulta da morte, da dor, da angústia, da catástrofe.

Talvez tenha sido essa a catarse das homicidas, especificamente: afirmar sua vida, sua feminilidade, seu estar no mundo, combatendo no campo da morte o seu outro, aquele com quem dividida a vida, a morte do outro, significou a morte de si, mas também, a afirmação de si em um exercício contraditório e corajoso na trajetória de suas existências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, A; TRINDADE L.; COELHO, L. **Mulheres criminosas na abordagem interdisciplinar**. Pesquisa em Debate, ediÁ,,o 9, V. 5, no2, Jul/Dez. 2008.

DEBERT, Guita Grin e GREGORI, MARIA FILOMENA. **Violência e Gênero, Novas propostas, Velhos Dilemas**. RBCS Vol. 23 nº. 66 fevereiro/2008.

EURÍPEDES. **Medeia**. Texto Integral. São Paulo: M. Claret, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames**. In : O que é um autor? Lisboa: Passagens.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004 (Estéticas).

COSTA, L. M. da; REMÉDIOS, M. L. R. **A Tragédia: estrutura e história**. São Paulo: Ática, 1988.